

Os discursos no livro-reportagem “Rota 66”: Uma perspectiva dialógica ¹

Rosibel Xavier de SOUSA²
Kethleen Guerreiro REBÊLO³

Universidade Federal do Amazonas – Parintins, AM

RESUMO

O trabalho desenvolvido busca analisar os discursos do livro-reportagem “Rota 66: a história da polícia que mata”, de Caco Barcelos, a partir da perspectiva dialógica proposta por Mikhail Bakhtin (1992) e dos conceitos de análise do discurso abordados por Pinto (2002). Pretende-se observar as posições discursivas do autor, e de acordo com elas, o modo como a polícia é caracterizada no livro, bem como é realizada a caracterização das vítimas retratadas na obra.

PALAVRAS-CHAVE: dialogismo, jornalismo, reportagem, livro-reportagem.

INTRODUÇÃO

A reportagem é caracterizada por seu caráter investigativo, cujo objetivo, é se aprofundar em determinados temas sociais, políticos ou econômicos, possibilitando maior predominância da narratividade. Devido à sua importante função social, a produção de reportagens requer investigação e interpretação, o que oferece ao leitor versões diversificadas e aprofundadas dos fatos levantados, com o objetivo não apenas de informá-lo e atualizá-lo acerca dos conteúdos abordados, mas também de orientá-lo, contribuindo para a formação de sua opinião.

Jorge (2012) aponta que reportar é narrar, e jornalisticamente, assume sentidos relacionados à busca de informações e coberturas, à atividade de coleta, bem como o trabalho de preparar e redigir as informações levantadas, buscando aprofundar assuntos e provocar debates. A autora aponta ainda, que as reportagens caminham nas áreas do jornalismo interpretativo e investigativo, gêneros que demandam textos extensos e aprofundados, ou seja, os repórteres recorrem aos meios literários para aperfeiçoar sua narração dos fatos, sustentando-se no jornalismo literário para aprimorar as narrativas, posto que, como ressalta Pena (2006), na prática, exercer o jornalismo literário,

¹ Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 24 a 26 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo do ICSEZ-UFAM, email: rosibelxaviersousa@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho, email: kethleengrebello@gmail.com.

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p. 6)

Conforme o autor, a preocupação do jornalismo literário se debruça em contextualizar as informações extensivamente, o que torna o trabalho jornalístico atemporal, pois

Uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. (PENA, 2006, p. 8)

Posto isto, entende-se a significância do livro-reportagem, que assim como as reportagens, costuma apresentar informações extensas sobre os fatos investigados pelo repórter, além de possibilitar aos leitores o acesso a conteúdos profundos, complexos, normalmente deixados de fora dos veículos de comunicação tradicionais.

O livro reportagem situado entre jornalismo e literatura, herda do primeiro, a função social informativa, e da literatura obtém a autonomia para não se prender às normas do fazer jornalístico, ou seja, oferece, a possibilidade de textos autorais, onde o jornalista tem a liberdade de narrar os fatos sem se prender às estratégias do jornalismo convencional, podendo adotar posições e estilo condizentes com suas visões acerca das realidades ao qual imergiu, e que dessa forma, originaram suas narrativas, sem, entretanto, desligar-se das preocupações com as questões sociais que sua profissão exige.

Bakhtin (1997) reforça essa afirmação ao destacar que o texto em qualquer instância da comunicação verbal, é capaz de refletir a individualidade de quem o compõe, fala ou escreve, e que os gêneros literários são mais propícios para refletir a individualidade do autor, uma vez que “neles o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo enquanto tal e constitui uma das suas linhas diretrizes” (BAKHTIN, 1992, p. 284).

Dessa forma, é sobre o gênero livro-reportagem que nossa pesquisa recai, especificamente sobre o livro “Rota 66: a história da polícia que mata” do jornalista Caco Barcellos, ao qual nos propomos a analisar os discursos do autor no livro, e a seguir demonstrar a caracterização da polícia, assim como das vítimas da violência policial construídas ao longo do discurso do autor, fundamentando-nos na proposta de Bakhtin

(1992) acerca da perspectiva dialógica do texto e dos conceitos de análise do discurso abordados por Pinto (2002).

O livro-reportagem como gênero do discurso

Bakhtin (1997) pondera que todas as áreas de atividades humanas mantêm relações com o uso da língua, por mais variadas que sejam, e esse uso se realiza através de enunciados, que refletem as conjunções bem como os propósitos dessas diversas áreas, por meio de conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional. Segundo o autor, esses três elementos se entrelaçam nos enunciados e são também marcados pelos aspectos inerentes às áreas determinadas de comunicação em que incorporam.

O teórico destaca, ainda, que se considerados em particular, esses itens (conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional) são percebidos como individuais, mas ao se considerar as áreas de utilização da língua, percebe-se que cada uma dessas áreas específicas “elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (Idem, 1997, p. 280), os gêneros do discurso. Assim, entende-se que os gêneros do discurso originam formas padronizadas relativamente fixas de enunciados, determinadas no contexto sócio histórico, isto é, os indivíduos falam, escrevem, dialogam, se comunicam por meio dos gêneros do discurso definidos ao longo de sua história.

Conforme Catalão (2010) o livro-reportagem é, portanto, um gênero do discurso, uma vez que é constituído de enunciados específicos, produzidos por intermédio de reportagem, concretizados e reproduzidos em livros, além de serem elaborados em campos específicos inerentes à comunicação discursiva. E se a reportagem, como afirma Sousa (2001), é caracterizada pela preponderância da narração, pela humanização dos relatos, bem como pelo texto impressivo e a veracidade da narrativa, os métodos de produção do livro-reportagem permitem ao escritor estender tais possibilidades e se aprofundar, investigar pautas, levantar dados, examinar documentos, dialogar com as fontes penetrar profundamente nos assuntos abordados.

Logo, o livro-reportagem ao permitir a integração entre características jornalísticas que primam pela veracidade e averiguação minuciosa dos temas, com traços literários proporciona a construção de textos autorais, culminando na expansão das informações e conseqüentemente, proporcionando ao leitor à imersão no conteúdo, aguçando nele recordações, familiaridade e despertando seu interesse pela leitura.

Metodologia

Na construção e desenvolvimento do livro-reportagem, o jornalista/autor detém a liberdade de deixar transparecer seu estilo autoral e composicional, fator que proporciona a possibilidade de interagir e captar a atenção do leitor, situando-o no contexto histórico abordado, criando laços de familiaridade, e dessa maneira, garantindo que o conteúdo não perca sua relevância e função social conforme o tempo passe, além de promover no receptor, uma vez atraído, o interesse em ler a obra até o fim.

A autonomia autoral, permite ainda, manifestações subjetivas por parte do autor, uma vez que, por estar situado em contextos sócio-históricos determinados, ele possui crenças e valores, que podem ser percebidos no texto, pois no discurso a ideologia é capaz de ser demonstrada. Assim, nos propomos a analisar os discursos do livro-reportagem Rota 66, bem como a caracterização da polícia militar e das vítimas no livro. Partindo da conceituação de análise do discurso proposta por Milton José Pinto (2002), a qual é entendida como uma área da linguística que visa analisar os modos de dizer nos enunciados, além de analisar as construções ideológicas nele presentes. Segundo o autor,

A análise do discurso não se interessa tanto pelo que o texto diz ou mostra, pois não é uma interpretação semântica de conteúdo, mas sim em como e por que o texto diz ou mostra [...] a ela interessa explicar [...] os *modos de dizer* exibidos pelo texto. (PINTO, 2002, p. 27 – grifos do autor)

Dessa forma, para a análise do discurso, quanto à sua enunciação, todo texto é carregado de heterogeneidade e composto por diversos elementos, uma vez que “ele é sempre um tecido de ‘vozes’ ou citações, cuja autoria fica marcada ou não, vindas de outros textos preexistentes, contemporâneos ou do passado” (PINTO, 2002, p. 31).

Cabe apontar ainda, que o entrelaçamento de citações textuais é característico dos discursos, uma vez que “todo texto se constrói por um debate com outros” (IDEM, p. 31), apresentando, assim, o dialogismo presente na polifonia. A perspectiva dialógica de Bakhtin propõe a existência do diálogo, da interação e comunicação entre diferentes textos no interior do texto, uma vez que, como afirma o autor,

O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera

(a palavra “resposta” é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. (p.177)

Bakhtin (1992) afirma ainda, que o enunciado é sobrecarregado de reações e respostas, por ser uma atividade concreta de comunicação, uma de suas características mais relevantes é a possibilidade de proporcionar respostas por meio do destinatário, uma vez que ele se elabora em função deste, isto é, no interior dos textos tudo é premeditado, proposital, isto é,

Podemos introduzir diretamente o enunciado alheio no contexto do nosso próprio enunciado, podemos introduzir-lhe apenas palavras isoladas ou orações que então figuram nele a título de representantes de enunciados completos. [...] também é possível, num grau variável, parafrasear o enunciado do outro depois de repensá-lo, ou simplesmente referir-se a ele como a opiniões bem conhecidas de um parceiro discursivo; é possível pressupô-lo explicitamente; nossa reação-resposta também pode refletir-se unicamente na expressão de nossa própria fala — na seleção dos recursos lingüísticos e de entonações, determinados não pelo objeto de nosso discurso e sim pelo enunciado do outro acerca do mesmo objeto. (p.177-178)

Dessa maneira, compreendemos a presença do dialogismo não apenas na interação do texto com outros textos, mas também da interação entre o autor do texto e o destinatário. Assim, os discursos empregados pelo autor no texto, refletem sua tentativa de conquistar a adesão do leitor, e alcançar o reconhecimento e sua aprovação.

Logo, entendemos que a escolha do autor por temas determinados, tom e estilo com que o assunto será abordado e pelo modo como irá se dar sua composição, influencia não apenas no processo de narração da história, mas também no processo de adesão à leitura por parte do leitor, uma vez que ao escrever, o escritor visa chamar a atenção, despertar a curiosidade do leitor e envolvê-lo na leitura a ponto de despertar nele, a imaginação, a interpretação e, mais do que isso, ao demonstrar legitimidade na narrativa, busca-se a identificação do receptor.

Assim, o gênero livro-reportagem, possibilita ao escritor a composição de diversos cenários e perspectivas, que garantam produção de sentidos bem como interação, retratando a realidade sobre os fatos apresentados com profundidade e embasamento, uma vez que “apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiros dos meios de comunicação” (LIMA, 1995, p 38), pois lida com fatos reais, primando pela veracidade da linguagem jornalística, ademais, cumpre sua função de informar, interpretar e orientar o leitor a formar opiniões.

Por isso o livro reportagem é distinto, por seu conteúdo, pelo tratamento que recebe e pela função que exerce: “quanto ao conteúdo, [...] trata de assunto em que a veracidade é fundamental; quanto ao tratamento: linguagem, montagem e edição de texto e quanto à função: informar, orientar e explicar” (IDEM, p. 30).

Resultados e discussões

Discursos em Rota 66

Na construção de Rota 66, o jornalista Caco Barcellos reconta com intensidade, de forma expressiva e realista os eventos de 22 anos de casos de violência da Polícia Militar de São Paulo, especificamente do batalhão de Rondas Ostensivas Tobias Aguiar – Rota, batalhão de elite da polícia paulistana. Interesse que surgiu a partir da escassez de informações por parte da polícia, o que resultou na criação de um banco de dados produzido pelo autor ao longo de 20 anos, baseado das informações dos boletins de ocorrência divulgados pelo jornal Notícias Populares, originando assim, a construção do livro.

Dividido em três partes, Rota 66 aborda os acontecimentos da noite em que três jovens de classe média alta, tiveram seu carro fuzilado durante uma perseguição na região da Avenida Paulista em 1974, que culminou na morte dos rapazes. Aliada à narração desses acontecimentos, o autor reconta parte de sua trajetória em Porto Alegre – RS, quando testemunhou as ações de abuso de poder por parte da polícia ainda na infância, e em sua juventude, já trabalhando como repórter, como testemunha e denunciante da violência policial. Na segunda parte de Rota 66, o autor traça um paralelo levantando o perfil dos profissionais da polícia, que mais cometem assassinatos em serviço. Por último, o perfil das vítimas de desmandos e abusos por parte dos policiais é esboçado.

Desse modo, conhecendo a estrutura de Rota 66, nos propomos, como dito, analisar a variedade dos discursos no interior do livro-reportagem, bem como a caracterização da polícia e das vítimas realizadas pelo autor. Iniciamos a análise, demonstrando que a disposição do autor na construção do livro, se deu não apenas devido à sua profissão como repórter, o que contribui significativamente para o desenvolvimento da pesquisa e da apuração de informações ao longo da obra na condição de testemunha e denunciante, mas também devido à sua convivência com os abusos e a violência policial durante a infância.

A construção do discurso de Barcellos o remete à categoria de espectador, testemunha e conhecedor dos fatos narrados, isto é, do abuso por parte da polícia. A partir do trecho a seguir, percebemos no discurso, a revolta de quem convive e testemunha a violência da polícia desde muito cedo, aliado ao desafio em estimular o leitor a também se indignar com fato, de que mesmo crianças inocentes não estão livres da arbitrariedade policial, provocando em quem lê, indignação contra a violência realizada por profissionais que deveriam zelar pela segurança da população:

Chegou a minha hora de correr desta maldita Radiopatrulha. Sou um menino tímido, bem-comportado, nada fiz de errado, mas sei que devo fugir. Até hoje me limitava a assistir a fuga dos amigos maiores. Mas já completei 12 anos, tenho que começar a me prevenir.(p. 18)

O discurso indignado continua e demonstra o envolvimento pessoal e emocional do jornalista ao longo da obra, que se enfurece com os desmandos e com a brutalidade com a qual ele e seus companheiros de bairro convivem, mas que enquanto adolescente pobre da periferia nada pode para mudar a situação: “Assistimos quietos por muito tempo a covardia habitual do delegado. Estamos de pé, encostados na parede. Quando ele começou a puxar os cabelos do amigo preso” (BARCELLOS, 1992, p. 22).

A partir da década de 1970, de observador que nada podia fazer, o autor ascende à categoria de denunciante: “depois de 73, eu já não sofria como antes. Tornei-me testemunha dos sofrimentos dos outros. Já era repórter” (IDEM, p. 24). Percebemos no discurso, a ênfase dada ao sofrimento das vítimas e à postura de Barcellos diante da situação, a posição de denunciante que está decidido a não se calar diante da violência a qual presenciava, ao contrário dos demais profissionais da época.

Importa mencionar, que Barcellos iniciou sua carreira como repórter no contexto da ditadura militar, assim, a posição do jornalista ao expor a opressão policial, posicionando-se como denunciador, que procura autonomamente apurar, denunciar e propagar a ação cruel da polícia, contribui para a percepção do leitor, e consequentemente, a adesão e admiração ao profissional que decide não ser conivente com os abusos. Assim o autor se coloca como um profissional destoante, que se posiciona a favor dos menos favorecidos, pois se identifica com as vítimas, optando por deixar transparecer tal fato:

Durante a semana fui testemunha de cenas de injustiça, abuso de poder, covardia. Minha reação me trouxe problemas de todos os lados. Um deles foi com o próprio fotógrafo, um profissional experiente em cobertura policial. — Os soldados estão invadindo o barraco aos pontapés e tu não estás fotografando. Por que não? — Porque não é

importante. Cuide do seu trabalho que eu cuide do meu, tá legal? —
Como não. Deixastes de registrar uma invasão a domicílio. Isto é crime.
(p.41)

Barcellos não deixa de denunciar a posição da imprensa e a convivência com desmandos policiais sofridos pela população de classes desvalidas, que não têm os mesmos tratamentos dados a casos como o Rota 66, onde as vítimas ocupavam posições sociais elitistas,

A imprensa também dá um tratamento diferenciado às pessoas pelo critério da sua condição social. Neste ano de 75, dezenas de jovens da periferia de São Paulo já foram perseguidos por policiais militares[...]. Entretanto, a cobertura da imprensa foi quase nula. (p.26)

Assim, percebemos a posição ideológica repassada no discurso do jornalista/autor: dar voz aos excluídos, se posicionar em favor destes e denunciar as ações da polícia, a partir da percepção de que ninguém mais o faria, além de reclamar sobre a posição da mídia, que se cala perante os abusos policiais, culminando assim, na sensação de medo sentida pelo jornalista, que mesmo com o objetivo de ser porta-voz dos mais pobres, sente a resistência destes, causada por seu descrédito em relação aos meios de comunicação que se emudecem diante da crueldade policial,

Por força do trabalho, a busca da oportunidade de ser testemunha de uma história, que julgo importante, me leva algumas vezes a situações de risco. Temo pela vida em todos esses momentos. Mas nada se compara ao medo que eu sinto quando vou fazer a cobertura do velório de uma pessoa morta pela Polícia Militar. (p.35-36)

Percebemos que embora o discurso do jornalista seja de temor, existe também o discurso de um profissional engajado, que busca reafirmar sua condição de porta-voz dos que não têm voz:

Estão revoltados pela morte do menino Rubens Martins, de 12 anos, assassinado pela Rota. Dizem que eu também sou culpado. Na verdade, a revolta é contra a imprensa, considerada inimiga. Reconheço que eles em parte têm razão. Sou o primeiro jornalista a chegar na favela, já com quinze horas de atraso. (p.39)

Constatamos, ainda, o empenho do jornalista em deixar transparecer sua imagem de profissional distinto, que reafirma seu compromisso com a sociedade, contrário à violência policial e principalmente à convivência da imprensa:

Somos vistos como inimigos, agentes de um poder que incentiva a polícia a matar pobres suspeitos de serem criminosos. Por isso, no velório das vítimas da PM, é comum sermos alvos de represálias. No caso do menino Rubens Martins, tive que argumentar durante horas

para evitar a agressão. Passei por situações semelhantes em muitos outros velórios. Confundir os papéis da imprensa e do poder não é exclusividade dos parentes das vítimas da PM. Essa confusão também é incorporada pelos policiais, habituados a lidar com jornalistas que limitam seu trabalho a reproduzir a versão oficial como verdade absoluta. (p.39-40)

Logo, ao longo da construção do livro, o autor busca destacar sua imagem de repórter comprometido com causas sociais, especificamente em denunciar a repressão injustificável que populações mais pobres enfrentam, além de delatar atos arbitrários da polícia, posicionando-se não apenas como cidadão, mas também como jornalista engajado que investiga, apura, divulga e não se permite calar.

Caracterização da polícia em Rota 66: polícia como sinônimo de violência

Não é necessário folhear o livro inteiro para encontrar uma definição da polícia em Rota 66, seu título indica a posição do autor em relação à corporação, caracterizada como “a polícia que mata”. Na construção da obra, o autor denuncia, não apenas, o comportamento arbitrário e ações violentas da Polícia Militar, como também dos desmandos por parte de integrantes da Polícia Civil que ao se unir à Força Pública, originou a PM.

O autor relata a brutalidade das instituições a partir de investigações, levantamentos e cruzamento de dados e apurações profundas. Representando a polícia como arbitrária, injusta, e principalmente, violenta, como demonstramos nos trechos a seguir:

O delegado considera todo mundo suspeito. Ao prender alguém, sempre aplica o inverso da lei. Em vez de provar a culpa do suspeito, costuma exigir que o detido prove sua inocência. O meu maior medo é do batismo do Doutor Barriga. Quem é preso pela primeira vez é punido, no mínimo, com uma noite de castigo no xadrez da viatura[...]. Na hora de efetuar a prisão, ele não admite conversa. Qualquer argumento é considerado um desacato à autoridade, motivo para dar pontapés, socos na cara. (p. 19 -21)

O jovem Ilton Santos, de 20 anos, se encolhe. Em seguida, pontapés simultâneos agridem a virilha, as costas, o sexo. O corpo encolhido rola no xadrez como uma bola humana. Ouvimos os gritos da tortura a 100 metros do posto policial [...] (p. 40)

Os matadores – Barcellos, na obra, ressalta a existência de policiais que cumprem seu dever e só atiram em último caso, mas as denúncias se reservam àqueles que não medem

esforços para utilizar a violência e matar intencionalmente com tiros de fuzis, revolveres, metralhadoras milhares de pessoas sem ao menos lhes darem direito a defesa.

Esses profissionais da polícia, especificamente da Rota, são descritos pelo autor como “matadores”, palavra usada 176 vezes para caracterizar os policiais no livro, que costumam perseguir e matar – com exceção dos três jovens ricos do caso Rota 66 – cidadãos provenientes de classes desfavorecidas. Esses policiais “estão habituados a atingir pessoas de famílias humildes, gente simples, indefesa, que não teve condições de contratar advogados para denunciar a injustiça ou defender seus direitos” (p. 65):

Os suspeitos, antes perseguidos de forma injusta, agora muitas vezes eram mortos sem chance ou direito de defesa. Não só no meu bairro pobre mas também na periferia de todas as grandes cidades do país[...]. Uma perseguição violenta e sistemática exclusivamente contra o que eles chamam de marginal: o cidadão proveniente da maioria pobre que causa prejuízo à minoria rica da sociedade. (p.24 e 25)

Podemos perceber que Barcellos reforça a imagem de policiais obcecados, que não veem impedimentos para seu desejo de matar, apenas desconfiar de alguém já era motivo para levar as vítimas à morte:

A perseguição da Rota 66 mostra que, na concepção de policiais mal orientados, prioridade máxima pode ser estabelecida através de uma simples desconfiança. Ao disparar a metralhadora contra o Fusca azul, eles nada sabem a respeito da vida dos três rapazes[...]. Os soldados não tiveram tempo de constatar nada. Tudo o que podiam deduzir, no momento em que estavam metralhando em direção ao Fusca, era que os rapazes tinham algum motivo para correr da polícia. (p. 46)

Eles atiram primeiro. Perguntam depois — é o que mais se ouve na periferia quando alguém pretende definir o tipo de ação dos matadores da PM[...]. É a prova de que os matadores escolhem grande parte de seus inimigos sem nada saber sobre suas vidas. (p.135)

Atores em ação – Barcellos reafirma a imagem de maus policiais, ao enfatizar a violação das cenas onde cometiam crimes, para esses profissionais executar pessoas era também motivo de comemoração: “— Três mortes numa noite. Isso vai dar prêmio!” (p.55). Depois de matar e comemorar as mortes, eles dissimulavam ações humanitárias e fingiam socorrer os pacientes, assim, os policiais “ao retirar o corpo do local [...] encenam uma atitude de socorro, uma atitude que transforma os hospitais de São Paulo em esconderijos de cadáver” (p.146), e eximindo-os das responsabilidades, como constatamos nos seguintes trechos:

Os PMs da Rota 66 encenam um gesto humanitário, uma tentativa de salvar a vida dos rapazes providenciando transporte ao hospital mais próximo[...]. Basta contar os tiros que atingiram o carro para se concluir

que a intenção dos PMs não era a de evitar a morte dos rapazes [...]. Os ferimentos nos corpos são ainda mais reveladores. O sangue escorre por 23 perfurações de balas, a maior parte em regiões vitais, como o coração e a cabeça. [...] A pressa em socorrer só ocorre, de fato, na retirada dos corpos do local do crime. A caminho do hospital, ao contrário, a velocidade dos policiais militares é de lesma. (p. 63)

O cabo Martínez e o soldado Cândido estão arrastando os corpos dos rapazes no asfalto para jogá-los dentro do lugar reservado aos presos, na Rota 17. [...] Eles já foram arrastados pelos próprios PMs da Rota 66 e jogados no compartimento de presos da Rota 17, que parte em alta velocidade em direção ao prontoso socorro. [...] — Lugar de ferido é no hospital — diz o soldado Everaldo Borges de Souza, que ameaça deixar os corpos no pátio do prontoso socorro para transferir responsabilidades aos médicos. (p. 54, 55, 56)

Os infratores – Nas ações policiais retratadas por Barcellos, era comum a violação dos locais onde os policiais costumavam matar e depois encenar atitudes de socorro, que contribuíam para dificultar as investigações acerca das mortes, normalmente, provocadas por fuzilamentos, cuja a intenção era sempre a de executar as vítimas:

Qualquer policial do mundo sabe que o local do crime deve ser rigorosamente preservado para o levantamento da perícia técnica. Os responsáveis pela segurança pública do maior Estado do país parecem ter esquecido esse procedimento ou não gostam de respeitá-lo. (p. 64)

[...] Violar o local do crime é um procedimento antigo, revelado já nos primeiros dias de ação da PM nas ruas, em 1970. A descoberta de milhares de tiroteios sem sobreviventes nos leva a acreditar que os PMs agem com a intenção premeditada de matar os suspeitos. (p. 146)

Se durante as rondas em vias públicas, era comum acontecer tiroteios seguidos de morte, mesmo as residências onde moram possíveis suspeitos não estavam livres das arbitrariedades policiais:

O gesto “humanitário” de Nepomuceno é uma repetição do que ele fez naquela noite que comandou o caso da Rota 66. Sua primeira atitude, após o fuzilamento, é o de violar a cena do local da morte. Ele manda os soldados usarem as cortinas da casa para enrolar o corpo de Bossato e levá-lo às pressas ao hospital. (p.108)

O autor enfatiza o costume dos policiais de infringir as leis, alterando as cenas de crimes:

Nosso Banco de Dados também contabiliza o número de vezes em que os PMs violaram o local do tiroteio. O resultado do levantamento faz aumentar ainda mais as suspeitas sobre o hábito dos PMs de tirar o corpo do local da morte para levá-lo ao hospital. Essa atitude, [...] a princípio se confunde com o gesto humanitário da prestação de socorro, como aconteceu no caso Rota 66. Nós constatamos que o carro de

transportes de cadáver do IML, o rabeção, tem sempre um mesmo destino quando vai recolher um morto pela Rota: o hospital. (p.146)

Barcellos ressalta que os matadores costumam não preservar os locais dos crimes para que tais atos possam dificultar possíveis investigações científicas, além de ajudá-los caso inquéritos sejam abertos, uma vez que sem testemunhas vivas, nada pode ser usado contra eles.

Ao se dirigir à delegacia da Polícia Civil para registrar a ocorrência com quatro horas de atraso, o tenente Nepomuceno já havia repetido várias irregularidades [...]. Levou o cadáver para um hospital, recolheu as armas e mexeu nos objetos do cenário do crime, além de induzir pessoas a testemunhar fatos que não presenciaram. (p.106)

Os matadores-vítimas – Mais uma das muitas atitudes transgressoras dos policiais militares, citadas em Rota 66, refere-se à ação de denegrir e desacreditar suas vítimas após a morte destas, acusando-as:

Desde agora os papéis estarão oficialmente invertidos. Os cinco matadores são registrados como vítimas dos estudantes mortos. E os três rapazes serão os indiciados, os responsáveis pela morte deles mesmos. Em seguida, o delegado começa a narrar o histórico dos fatos, baseado no testemunho dos matadores-vítimas. (p.67)

Além de ser apontado como responsável pela sua própria morte, Mendes ainda foi acusado, sem nenhuma prova, de ter praticado um assalto minutos depois de ter roubado o carro. Duas vítimas dos roubos, no entanto, não o reconheceram como um dos assaltantes. Esses testemunhos não foram nem mesmo citados na ata da sessão do julgamento do caso na Auditoria Militar. (p.152)

Comumente, os policiais que matam durante tiroteios, acusam as vítimas de serem extremamente perigosas e terem disparado tiros contra as viaturas, fazendo com que os policiais ao reagir, matem em legítima defesa, atitude percebida no trecho destacado, pertencente a um boletim de ocorrência preenchido pela polícia:

Os patrulheiros foram surpreendidos pela inesperada aparição de um indivíduo, que, saído do meio do mato, surgiu à frente da viatura, de arma em punho, e fez alguns disparos em direção aos policiais, que de imediato abriram fogo contra aquele indivíduo. E, além dos tiros recebidos, aquele indivíduo ainda foi colhido pela própria viatura [...] que, gravemente ferido, foi socorrido imediatamente no PSM da Lapa, onde, não resistindo aos ferimentos, veio a falecer. (p.152)

Segundo os policiais, os disparos por parte da polícia são sempre efetuados somente após ameaças dos suspeitos e quando este resiste à ordem de prisão:

Já na delegacia, com a conivência do delegado de plantão, ele consegue registrar o fuzilamento como um crime de resistência à prisão seguida de morte. O delegado se baseia exclusivamente no relato do tenente para preencher o BO. No espaço destinado às vítimas, escreve o nome dos PMs matadores. Como culpado pela morte, isto é, o indiciado, registra o nome de Wagner Bossato. (p.109)

Após o suposto criminoso negar-se a se entregar e depois de assassinado, para provar a má conduta dos suspeitos costumam implantar provas falsas nos locais dos crimes para incriminá-los:

No Volks foram encontradas três porções de maconha. Na rua foram recolhidas três armas usadas pelos ocupantes do automóvel: um revólver calibre 32, sem marca e números aparentes, com quatro cápsulas deflagradas e duas intactas. [...] Preservar o local do crime para os matadores significa não alterar somente aquilo que possa ajudá-los no inquérito. A maconha e os três revólveres que os PMs afirmam pertencer aos estudantes estão expostos sobre uma mesa (p.67-68)

Outra característica dos policiais assassinos, era o fato de receberem elogios de seus comandos, que viam suas ações arbitrárias e violentas como atos de bravura. Assim, Barcellos reforça a imagem de policiais que eram incentivados a matar, com certeza de impunidade:

O soldado Rony Jorge, por exemplo, é ganhador de vários prêmios. Embora tenha matado doze pessoas inocentes, Rony recebeu quatro vezes das mãos de seus comandantes o troféu PM-zito, homenagem aos que se destacam por ato de bravura. [...] De volta ao 1º Batalhão, sede da Rota, recebeu as glórias do comando. O comandante geral da Polícia Militar na época, general Francisco de Melo Torres, chegou a convocar a imprensa e as autoridades para assistir a uma homenagem especial ao matador. O ainda inexperiente tenente Gilson Lopes recebia das mãos do comandante a sua primeira medalha PM-zito por ato de bravura, ou seja, por matar quatro civis suspeitos. (p.196)

As vítimas em Rota 66: os inocentes

As investigações de Barcellos o levaram a identificar o perfil da maioria das vítimas fatais dos policiais militares, geralmente de famílias pobres, sem condições financeiras, que nem chegavam a denunciar os crimes por falta de dinheiro para contratar advogados: “Jovem, pobre, negro ou pardo. Nossas primeiras observações no Instituto Médico Legal nos ajudaram a conhecer um pouco do perfil das vítimas” (p.121):

Homem jovem, 20 anos. Negro ou pardo. Migrante baiano. Pobre. Trabalhador sem especialização. Renda inferior a 100 dólares mensais.

Morador da periferia da cidade. Baixa instrução, primeiro grau incompleto. (p.145)

Percebemos que as vítimas da polícia são geralmente jovens adultos, o que não significa que os policiais não tirem a vida de crianças e adolescentes, informações constatadas no trecho a seguir:

Nosso Banco de Dados prova que apenas os suspeitos pobres são perseguidos e mortos. Os menores também são vítimas preferenciais dos matadores. O número de crianças e adolescentes mortos pela PM tem a dimensão de uma grande tragédia. Identificamos exatamente 680 menores mortos, [...]Entre os 680 casos de menores mortos registrados no Banco de Dados 148 tinham menos de 15 anos.

Outra característica das vítimas assassinadas, definida por Barcellos, é o fato de que a maioria das pessoas mortas sem direito a defesa é inocente: “o resultado de minha investigação, que abrange o período de 22 anos de ação dos matadores, mostra que a maior parte dos civis mortos pela PM de São Paulo é constituída pelo cidadão comum que nunca praticou um crime: o inocente” (p.285). “Identificamos 2.027 inocentes assassinados pelos matadores da PM. (p.286).

Muitas outras referências são feitas às vítimas inocentes, percebemos a intenção do autor, em esclarecer que apesar de os policiais terem como alvos, criminosos considerados perigosos, tais como estupradores, latrocidias e assaltantes, em suas ações mal orientadas costumam tirar a vida de pessoas inocentes, baseados em suspeitas infundadas e falta de investigações, culminando assim no assassinato de milhares de pessoas que não oferecem riscos à sociedade.

Considerações

Entendemos que o desenvolvimento do livro-reportagem dá autonomia ao autor para demonstrar diversos aspectos inerentes aos temas por ele abordados para a construção do livro, e ao se desprender das amarras do jornalismo tradicional, não precisa esconder sua subjetividade, seus pontos de vistas, suas convicções sociais, políticas e ideológicas. Como vimos a construção de “Rota 66: a história da polícia que mata” não é diferente, as características literárias não apenas enriquecem a obra, como também dão espaço à parcialidade de Barcellos, que não procura esconder sua perspectiva, sua posição em relação à narrativa: está do lado dos mais fracos, dos mais pobres.

Suas investigações, denúncias, delações têm objetivo: ele busca justiça, quando a justiça falha, como no caso de policiais assassinos que são considerados inocentes após irem a julgamentos, promovidos por auditorias militares tantas vezes coniventes com os abusos, as arbitrariedades, a violência cometida por maus policiais em serviço.

Compreendemos que as teorias acerca da análise do discurso e da perspectiva dialógica contribuíram significativamente para compreendermos os modos de dizer do autor no texto, assim como sua intenção de denunciar as ações de policiais pertencentes ao batalhão de Rondas Ostensivas Tobias Aguiar – ROTA, bem como de caracterizar esses profissionais que são condicionados e veem prazer em executar pessoas inocentes, estas, vítimas do preconceito, do racismo, da pobreza e das mortes tantas vezes sem punição e justiça serão lembradas como símbolo da polícia que mata.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARCELOS, Caco. *Rota 66: a história da polícia que mata*. São Paulo: Globo, 1992.

CATALÃO JR., Antonio Heriberto. **Jornalismo Best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo / Tese – Universidade Estadual Paulista: 2010.**

JORGE, Taís de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo**. Campinas: Unicamp, 1995.

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. Trabalho apresentado ao NP de Jornalismo, do Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. 2006.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos**. 2ª ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. 2010. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acessado em: 8 de maio de 2018.